

# A CONCEPÇÃO ARISTOTÉLICA DE VERDADE EM *DE INTERPRETATIONE*

## THE ARISTOTLE'S CONCEPTION OF TRUTH IN *DE INTERPRETATIONE*

**Kariel Antonio Giarolo**

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

E-mail: karielgiarolo@gmail.com

### **RESUMO:**

O presente artigo tem como objetivo principal apresentar e reconstruir a concepção de verdade encontrada em *De Interpretatione* de Aristóteles. A tradição filosófica, na maioria dos casos, costuma assumir que Aristóteles possui uma concepção proposicional de verdade, segundo a qual, verdade poderia ser explicitada em termos da relação entre o conteúdo de uma proposição ou sentença e um estado de coisas no mundo. Essa interpretação, porém, não parece ser exatamente fiel ao texto aristotélico. Autores como Heidegger e comentadores de *De Interpretatione*, como Whitaker, defenderão que a concepção proposicional de verdade em Aristóteles é secundária. Verdade, antes de ser tomada em um âmbito proposicional, deve ser concebida ontologicamente. Ela consiste na síntese/combinacão (σύνθεσις) e divisão/separação (διαίρεσις), sendo estas características do mundo, as quais pensamentos e declarações representam verdadeira ou falsamente

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Aristóteles, verdade, verdade proposicional, verdade ontológica, Heidegger.

### **ABSTRACT:**

This paper has as main goal to presents and to reconstructs the conception of truth shown in Aristotle's *De Interpretatione*. The philosophical tradition, in most cases, usually takes that Aristotle has a propositional conception of truth, according to, truth can be explained in terms of the relation between the content of a proposition or sentence and a state of affairs in the world. This interpretation, however, is not exactly faithful to the Aristotelian text. Writers like Heidegger and *De Interpretatione*'s scholars, like Whitaker, will defend that the propositional conception of truth in Aristotle is secondary. Truth, before being taken in a propositional view, must be conceived ontologically. Truth consists in synthesis/combinacão (σύνθεσις) and division/separacão (διαίρεσις), being these features of the world, which thoughts and utterances represent truly or falsely.

### **KEYWORDS:**

Aristotle, truth, propositional truth, ontological truth, Heidegger.

## INTRODUÇÃO

*De Interpretatione* pode ser tomada como uma obra intermediária dentro do *Órganon* aristotélico. A obra é posterior a *Categorias*, a qual trata de palavras isoladas ou termos e antecede os *Primeiros Analíticos* e os *Segundos Analíticos*, os quais expõem a doutrina aristotélica do silogismo e a doutrina do método, respectivamente. Tradicionalmente, *De Interpretatione* é considerada como uma obra sobre a teoria do juízo ou da asserção. Ela tem as proposições como foco central, apesar de Aristóteles apresentar uma série de discussões adicionais associadas ao tópico. Whitaker (1996), entretanto, em *Aristotle's De Interpretatione: Contradiction and Dialectic*, irá expor uma interpretação diferente. De acordo com Whitaker, a visão tradicional não faz uma exegese adequada do texto. A preocupação central de Aristóteles no tratado é efetuar uma análise de pares contraditórios de asserções, consideradas como relevantes para a dialética.

Aceitando essa interpretação de Whitaker (1996), é possível perceber que uma série de outras discussões introduzidas por Aristóteles tem relação com a análise de pares contraditórios e ganham um sentido estrutural dentro da obra. Aristóteles discutirá a relação entre o nome e o verbo, e então a negação, a afirmação, a asserção e a frase (*phrase*). No início do primeiro capítulo, Aristóteles irá estabelecer a relação entre escrita, expressões faladas e os pensamentos, ou afecções da alma, o que eles expressam e os objetos externos aos quais eles fazem referência. Na segunda parte do primeiro capítulo, por sua vez, ele discutirá proferimentos (*utterances*) e pensamentos complexos e irá contrastá-los com proferimentos e pensamentos simples. Uma das consequências dessa distinção será a introdução da discussão acerca da verdade ou falsidade. De acordo com Aristóteles, pensamentos ou proferimentos simples são sem valor de verdade ou falsidade, enquanto que pensamentos ou proferimentos complexos devem ser verdadeiros ou falsos.

O ponto de partida deste trabalho é justamente investigar em que consiste a concepção aristotélica de verdade, especialmente em *De Interpretatione*. Contemporaneamente, a maioria dos autores que irão discutir o tópico irá assumir que em Aristóteles podemos encontrar uma concepção correspondencial de verdade. Verdade, desse modo, seria definida como tendo uma estrutura proposicional. Ela consistiria em uma relação entre sentenças, pensamentos complexos ou proposições e um estado de coisas no mundo externo. Essa é a definição mais clássica e, para muitos ingênua, do que seria o problema filosófico da verdade. Contudo, temos uma concepção contrastante acerca do tópico. Comentadores como Whitaker e mesmo autores como Martin Heidegger (2010), em *Logic: The Question of Truth* e em *Da Essência da Verdade*, defenderão que em Aristóteles temos outro conceito de verdade operando anteriormente a esta visão proposicional. Tal concepção contrastante pode ser chamada verdade material<sup>1</sup> ou ontológica. Em termos heideggerianos, é concebida como desvelamento do ser.

Tendo esse estado de arte, dividirei o texto em três partes: na primeira, farei uma rápida apresentação sobre essas duas maneiras distintas de tratar o problema da verdade, a concepção proposicional clássica e esta concepção alternativa, material; na segunda, reconstruirei, com base em Whitaker, as principais teses de Aristóteles, em *De Interpretatione*, sobre verdade; e, finalmente, na terceira parte, irei expor a interpretação de Heidegger, vinculando Aristóteles a esta concepção material de verdade e tentando sustentar que Aristóteles não defendeu explicitamente uma teoria proposicional da verdade.

## I – CONCEPÇÕES PROPOSICIONAL E MATERIAL DE VERDADE

As discussões sobre verdade e as tentativas de definição ou explicitação de em

---

<sup>1</sup> Cf. Stern (1993).

que consiste tal conceito receberam uma série de respostas ao longo da história da filosofia. Uma teoria da verdade fornece uma resposta a pergunta "O que é verdade?" e, assim, procura explicar o que significa dizer que algo é verdadeiro ou falso<sup>2</sup>. Com o surgimento da filosofia analítica, em meados do século XX, a maioria das teorias da verdade dá uma abordagem proposicional frente ao tema. Verdade é concebida como uma espécie de dualismo entre linguagem e mundo: por um lado, há um elemento vinculado ao conteúdo de uma sentença, enunciado ou frase, uma proposição, e, por outro lado, um fato ou estado de coisas no mundo. O conceito de verdade seria concebido como sendo uma característica de declarações sobre o mundo. Verdade é, conseqüentemente, uma propriedade de proposições, em virtude das quais as coisas são expressas tais como elas são.

A espécie mais venerável e mais clássica de teoria da verdade proposicional é a teoria da verdade como correspondência. Encontramos vários esquemas diferentes sobre como tratar a relação de correspondência entre o âmbito linguístico/proposicional e o âmbito da realidade extralinguística, mas podemos resumir a maioria deles ao seguinte:

(1) Uma sentença <p> é verdadeira se, e somente se, <p> corresponde ao fato que p.

sendo que, podemos exemplificar da seguinte maneira:

(2) A sentença <Aristóteles foi discípulo de Platão> é verdadeira se, e somente se, <Aristóteles foi discípulo de Platão> corresponde ao fato que Aristóteles foi discípulo de Platão.

De acordo com Newman (2004) esta teoria requer proposições ou sentenças como coisas que podem ser verdadeiras ou falsas, operando como portadores de verdade (*truth bearers*) e fatos ou estados de coisas, como entidades no mundo, operando como fazedores de verdade (*truth makers*). A teoria da verdade

como correspondência tem, evidentemente, uma série de comprometimentos, inclusive, e especialmente, ontológicos. Essa teoria precisa explicar como sentenças correspondem ao mundo, como proposições correspondem ao mundo, qual é a natureza de proposições, qual a natureza de fatos, etc. Não pretendo adentrar em nenhuma dessas questões, apenas indicar a problemática envolvida.

Mas qual a relação dessa teoria com Aristóteles? Richard Kirkham (2003, pp.173-174) distingue entre duas espécies diferentes de teorias da correspondência, as quais ele denomina, *correspondência como correlação* e *correspondência como congruência*. Segundo sua interpretação, em Aristóteles, temos uma teoria da correspondência como correlação. Tal teoria consiste no fato de uma sentença ou afirmação verdadeira refletir de alguma forma, mesmo que indiretamente, algum aspecto do mundo. A relação tida entre o portador de verdade e o mundo é absolutamente convencional, não há, como consequência, a necessidade de um isomorfismo estrutural, tal como ocorreria em uma correspondência como congruência. O ponto com respeito a Aristóteles, que o vincula a esta teoria é sua famosa afirmação encontrada na *Metafísica* (1011b25): "Dizer que o que é não é, ou que o que não é é, é falso, mas dizer que o que é é, e que o que não é não é, é verdadeiro. Conseqüentemente, também quem diz que uma coisa é ou não é dirá ou que é verdadeiro ou que é falso". Para Kirkham, portanto, no centro da concepção aristotélica de verdade temos uma concepção proposicional, posto que é por meio de sentenças, afirmações ou enunciados que dizemos algo acerca do mundo externo.

Todavia, esta abordagem proposicional não é a única possível para tratar do conceito de verdade. Encontramos dois exemplos famosos na história da filosofia de autores que não possuem uma visão proposicional de verdade como fundamental. Esses autores são Hegel<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Lemos em Hegel (1975): "Truth is at first taken to mean that I know how something is. This is truth, however, only in reference to consciousness; it is formal truth, bare correctness. Truth in the deeper sense consists in the identity be-tween objectivity and the notion [Begriff]. It is in this deeper sense of truth that we speak of a true state, or of a true work of art. The objects are true, if they are as they ought to be, i.e. if their reality conforms to their notion".

2 Cf. David (1994, p. 3).

e Heidegger. Neles identificamos uma visão material sobre o conceito de verdade. Verdade tem uma relação, especialmente em Heidegger, com a essência dos entes. Stern (1993, p. 645) afirma que Heidegger irá distinguir entre *verdade proposicional* e *verdade material*. Verdade é proposicional quando atribuída a declarações, juízos ou proposições, baseada na sua concordância com o modo como as coisas realmente são. Verdade é material, por outro lado, quando ela é atribuída a alguma coisa com base na concordância da coisa com sua essência. Uma noção de verdade material é aplicada às coisas e as suas naturezas. Em Heidegger temos a tese de que verdade consiste no desvelamento, isto é, na não ocultação do ser.

Como vimos na introdução do texto, Heidegger explicitamente e Whitaker, embora não nesses termos, irão atribuir a Aristóteles uma visão material da verdade. Antes de termos uma verdade proposicional, a qual não é negada por nenhum deles, identificamos uma noção ontológica de verdade, especialmente em *De Interpretatione*.

## II – DE INTERPRETATIONE: LINGUAGEM E VERDADE

Aristóteles inicia *De Interpretatione* tentando definir em que consistem o nome (*onoma*) e o verbo (*rema*), elementos que parecem ser os mais fundamentais em sua análise linguística/gramatical<sup>4</sup>. Por nome e verbo, Aristóteles compreende qualquer espécie de proferimento significante simples, sendo que, os nomes e os verbos quando unidos constituem proferimentos significativos complexos. Esses dois elementos possuem algumas características comuns: são sons significantes, são convencionais e, caso forem compostos, nenhuma parte significa separadamente. As características distintivas de nome e verbo são: o fato de um nome ser

sem tempo e do verbo ser signo de coisas ditas de outro algo<sup>5</sup>.

Assim como podemos ter nomes simples, temos também nomes compostos. Um exemplo do primeiro tipo é algo como a palavra 'homem'. Já um nome composto é algo como 'guarda-chuva'. Nesse segundo caso, temos, aparentemente, dois nomes que compõem um único. Entretanto, de acordo com o texto aristotélico, 'guarda' e 'chuva' não possuem significado isoladamente. Somente no momento em que temos o nome composto 'guarda-chuva' é que podemos dizer que há algum sentido envolvido. Nesse contexto, 'chuva' apenas terá significado como parte do todo.

A palavra (engloba tanto um nome como um verbo) é um som significante, mas seu significado é dado convencionalmente. Nada é um nome por natureza, mas apenas por meio de uma convenção. "... um nome significa isto ou aquilo *por convenção*" (ARISTÓTELES, 1938, p. 117). E algo somente se torna um nome quando ele se torna um símbolo (*token*). As palavras são, por um lado, signos e, por outro lado, símbolos (*tokens*) para os pensamentos, que, por sua vez, são cópias formais, semelhanças (*likenesses*) de coisas<sup>6</sup>. Nos *Primeiros Analíticos*, Aristóteles define 'signo' como alguma coisa da qual a existência de alguma outra coisa pode ser inferida. Nesse caso, se existe um signo, então existe algum objeto do qual ele é signo. Whitaker (1996, p. 23) apresentará a relação entre signos e *tokens* da seguinte maneira:

The term 'token' is used to point to the fact that a word is adopted by convention to stand for a thought of a thing, and so for the thing itself. The term 'sign', on the other hand, does not convey anything about whether words are conventional or not. To say that a word is a sign of a thought and a sign of a thing simply means that there is some thought and a sign of a thing simply means that there is some thought and some thing

4 Heidegger (2010, p. 5) irá afirmar que entre os gregos a lógica se desenvolveu em conexão com a gramática, a qual era compreendida como o estudo da linguagem. Lógica e gramática, não eram, portanto, originalmente distintas. Em *De Interpretatione* isso parece ficar bem explícito, posto que a análise lógica envolve, em grande medida, uma análise gramatical simultaneamente.

5 Há uma possível similaridade com a concepção fregeana da instauração de conceitos. Conceitos são entidades insaturadas, as quais necessitam serem complementadas por um objeto, um argumento, ou mesmo um nome.

6 Cf. Whitaker (1996, p. 22).

corresponding to the word.

Porém, nem nomes, sejam eles simples ou compostos, e nem verbos podem ser verdadeiros ou falsos. Eles são simples e, portanto, sem valor de verdade. Para que possamos ter verdade ou falsidade é necessário que ocorra o que Aristóteles chama ou de 'combinação' ou de 'divisão'. "Um nome ou um verbo, por si mesmo, muito se assemelha a um conceito ou pensamento, que não é nem combinado e nem dissociado" (ARISTÓTELES, 1938, p. 117). Um nome qualquer como 'cavalo' por si só não está combinado nem dissociado de outra coisa. Consequentemente, ele não é nem verdadeiro e nem falso. Aqui adentramos na caracterização do que seriam verdade e falsidade na concepção aristotélica.

Em *De Interpretatione*, Aristóteles introduz a questão da verdade na segunda parte do primeiro capítulo. Segundo ele, algumas vezes existem em nossa mente pensamentos que não são acompanhados de verdade e falsidade, enquanto que, outras vezes, os pensamentos necessariamente tem que ter uma dessas duas possibilidades. E, para que tenhamos verdade e falsidade, é preciso que haja combinação e divisão. Aquilo que não for complexo não pode ser verdadeiro ou falso. Verdade e falsidade dizem respeito a pensamentos e proferimentos complexos, os quais são construídos a partir de proferimentos simples (nomes e verbos). A asserção<sup>7</sup>, por exemplo, é um tipo de proferimento complexo. Assim, pode-se dizer que asserções são verdadeiras ou falsas. Uma afirmação verdadeira, conforme Whitaker (1996, p. 26-27), corresponde à combinação de coisas no mundo. As coisas são combinadas de um certo modo e uma afirmação verdadeira asseve verdadeiramente que elas estão assim combinadas. Uma afirmação falsa, por sua vez, asseve a combinação de coisas que estão de fato divididas. "Truth consists in correctly matching combination and division in thought or utterance with the combination and division in things" (WHITAKER, 1996, p. 2).

<sup>7</sup> Toda asserção exige, necessariamente, um verbo e a mais básica consiste de um nome com 'é' ou 'não é' adicionado.

Por meio dessa tese, pode-se perceber que é preciso realizar uma análise minuciosa daquilo que Aristóteles compreende por verdade. *Prima facie*, parece que há a defesa de uma concepção proposicional de verdade em *De Interpretatione*, justamente pelo fato de Aristóteles assumir que existe uma relação entre a esfera linguística e o mundo externo. No final do capítulo IX (p. 141), temos essa ideia explicitamente. Aristóteles irá dizer que a verdade de proposições consiste na correspondência com os fatos. Contudo é preciso tomar muito cuidado com esse tipo de exegese. Quando Aristóteles fala em verdade, seja em *De Interpretatione*, seja na *Metafísica*<sup>8</sup>, ele tem em mente uma concepção anterior a esta proposicional, a qual é possível chamar de pré-proposicional e que Heidegger e outros irão chamar de concepção material ou ontológica.

Assim, é correto assumir que existem dois conceitos de verdade operando na teoria aristotélica: um conceito proposicional, que irá tomar que a relação entre a linguagem e o mundo é capaz de explicar o que é verdade e uma concepção material, anterior a esta proposicional, na qual verdade é definida por meio da combinação e divisão das coisas reais. A combinação e divisão, as quais serão os elementos fundamentais dessa verdade material, são características reais do mundo e a verdade de pensamentos e asserções depende da verdade da combinação e divisão das coisas no mundo. Verdade e falsidade qualificam coisas também e não apenas sentenças. A aplicação do par a pensamentos e sentenças é secundário e derivado da concepção ontológica.

De acordo com Whitaker (1996, p. 30), a teoria da verdade de Aristóteles, em *De Interpretatione*, declara que asserções verdadeiras representam uma combinação como combinada e um separação como separada, enquanto que asserções falsas representam uma combinação como separada e uma separação como combinada. Outro comentador que tem uma interpretação similar

<sup>8</sup> Na *Metafísica*, de acordo com Whitaker, Aristóteles vai dizer que no caso de alguma coisa combinada, a afirmação vai ser verdadeira e a negação falsa, enquanto que, no caso de alguma coisa ser dividida, a afirmação vai ser falsa e a negação verdadeira.

é Künne (2003). Ele cita um trecho da *Metafísica* no qual Aristóteles diz que não é porque nós temos o pensamento que você é pálido, que você é pálido. Ao contrário, é pelo fato de você ser pálido é que podemos dizer isso e ter o pensamento que você é pálido. É por causa da coisa ser ou não ser assim e assim é que podemos falar que há a verdade ou falsidade. Se a sentença que p é verdadeira, então ela é verdadeira por causa de p.

### III – A INTERPRETAÇÃO DE HEIDEGGER

Martin Heidegger, em *Logic: The Question of Truth*, irá, dentre outras coisas, efetuar uma análise minuciosa e muito fina de Aristóteles. Mesmo que sua análise lógica acabe adentrando, no decorrer do texto, em questões de fenomenologia, as quais terão como resultado a publicação de *Sein und Zeit* pouco tempo depois, é inegável a contribuição que ele dá para a exegese do texto aristotélico. Apesar de muitas de suas teses serem discutíveis, visto que, em muitos pontos, ele possui uma interpretação sui generis, com respeito à compreensão da concepção aristotélica de verdade, é razoável sustentar que sua interpretação é acertada.

A opinião de Heidegger é que, entre os gregos, áreas como o estudo da linguagem, a lógica, a gramática não são coisas distintas. Além disso, elas são fundadas numa ideia de *logos* (discurso). Essa ideia de *logos* é o que distingue o ser humano de outras criaturas vivas. “O ser específico dos homens é dado conspicuamente pelo discurso” (HEIDEGGER, 2010, p. 2). O *logos*, nesse sentido, faria uma conexão entre duas regiões universais, o ser humano e o mundo. Ele consistiria em falar (*speaking*) sobre alguma coisa, falar de alguma coisa. Segundo Heidegger (2010, p. 6), a lógica, de um modo geral, irá investigar o falar, o pensamento que define coisas, enquanto um discurso que irá desvelar as coisas. O tópico central da lógica, conseqüentemente, é o discurso e o ponto central do discurso diz respeito a verdade. Heidegger afirmará que o desvelamento ou desocultamento de entes é o

que nós chamamos de verdade. Assim, a lógica é a ciência da verdade.

Mas o que entende Heidegger por desvelamento e qual a relação com Aristóteles?

Em nenhum momento, Heidegger nega que podemos ter uma concepção de verdade como proposicional, mas essa concepção somente pode ser dada a partir do momento que desvelamos o ser dos entes. Em *Introdução à Filosofia*, Heidegger (2009, p. 81) afirma:

“Todavia, a manifestação do ente nele mesmo torna-se muito mais expressiva quando descrevemos esse fato de modo negativo e dizemos que esse ente, assim como ele subsiste por si aqui nesse contexto conjuntural, não está velado para nós, embora pudesse estar; ele está desvelado nele mesmo. E, visto que ele está desvelado dessa forma, podemos fazer enunciados sobre ele e mesmo comprovar esses enunciados. A manifestação do ente é um desvelamento. Desvelamento realmente é expresso em grego por meio da palavra ἀλήθεια, que costumamos traduzir, embora não dizendo efetivamente nada com essa tradução, por “verdade”. Verdadeiro, isto é, desvelado, é o próprio ente. Por meio do quê e como ele é desvelado, essa é uma outra pergunta. Assim, não é a proposição nem o enunciado sobre o ente, mas o ente mesmo que é “verdadeiro”. Somente porque o ente mesmo é verdadeiro, as proposições sobre o ente podem ser verdadeiras em um sentido derivado.”

Nessa passagem há claramente a concepção de verdade dada como desvelamento. Heidegger aceitará que verdade pode ser verdade de uma proposição, mas não é verdade no sentido básico. O desvelamento consistiria no mostrar a essência do ente. A verdade do ente entre os gregos, embora eles não utilizassem esses termos, teria um sentido negativo, posto que sua essência estaria velada. Por meio do desvelamento teríamos acesso à essência e, conseqüentemente a verdade.

Em *Logic: The Question of Truth*, Heidegger irá analisar a concepção aristotélica em *De Interpretatione* vinculando o estagirita com essa noção primordial de verdade.

Contudo, ele assume, antes de tudo, que dentre os vários significados da palavra verdade, a prioridade é tomar o sentido de verdade como orientado para enunciados proposicionais. Ele identifica cinco teses fundamentais da concepção proposicional (2010, p. 8): (1) verdade é compreendida como característica de declarações sobre coisas (verdade é assim, característica de proposições); (2) verdade é entendida não simplesmente como uma propriedade de proposições e enunciações, podemos chamar o enunciado mesmo uma verdade, como 'dois mais dois é igual a quatro'; (3) verdade quer dizer o mesmo que conhecimento de uma verdade; (4) podemos usar a palavra verdade para significar um agregado de proposições verdadeiras sobre um estado de coisas; e, finalmente, (5) verdade também em o sentido de 'o verdadeiro', onde o verdadeiro' quer dizer o real, tal como ele é.

No §11 de *Logic*, Heidegger irá assumir que a tradição atribuiu a origem desta concepção proposicional a Aristóteles. Entretanto, essa exegese não agrada nem um pouco a Heidegger e, como consequência, ele irá criticar isso. É lugar comum, segundo ele, pensar que Aristóteles foi o primeiro a determinar o conceito de verdade como a correspondência de pensamentos com coisas. A tese, portanto, sobre a proposição como o lugar da verdade teria sido, como muitos defendem, primeiramente, enunciada por Aristóteles. Ele identifica agora três teses que caracterizam a questão (2010, p. 108):

- (1) O lugar da verdade é a proposição
- (2) Verdade é correspondência de pensamento com coisas.
- (3) Esses dois enunciados têm origem com Aristóteles.

O primeiro ponto problemático que Heidegger aponta é que jamais Aristóteles determinou verdade como voltada para a proposição. Aristóteles não teria enunciado as teses (1) e (2). A atribuição dessas duas teses a ele consiste em uma má interpretação do texto original. Ser verdadeiro é uma

característica que deve ser distinguida, em sua natureza essencial, do tipo de discurso que asseve ou declara alguma coisa. Na passagem que segue fica clara a posição de Heidegger (2010, p. 109):

A proposição é determinada por sua referência à verdade – não vice-versa, como se verdade fosse derivada da proposição. Quando Aristóteles enfatiza que o enunciado é um tipo especial de discurso devido a sua referência à verdade, nós precisamos compreender isso corretamente. O enunciado tem uma referência para a habilidade de ser verdadeiro ou falso. Ser-verdadeiro *simpliciter* e ser verdadeiro ou falso são fenômenos inteiramente diferentes.

A seguir, Heidegger irá esclarecer esse tópico relacionando Aristóteles a esta ideia de que verdade consiste, antes de qualquer concepção linguística, em uma concepção material. Ele cita o seguinte trecho de *De Interpretatione* (ARISTÓTELES, 4, 17<sup>a</sup>1)<sup>9</sup>: "Nem todo discurso é indicativo, isto é, demonstra alguma coisa, mas apenas discurso no qual ser-verdadeiro ou ser-falso está presente". De acordo com a interpretação de Heidegger no grego há uma indeterminação com respeito às palavras 'ser-verdadeiro' e 'ser-falso' e as traduções falham ao tentar traduzir tais expressões. A palavra 'ser-verdadeiro', segundo ele, significa na teoria aristotélica *desvelar*, no sentido de remover o ocultamento de algo e trazê-lo para a luz. Uma proposição ou um enunciado sobre o mundo é algo que pertence ao sujeito que o formula. Verdade, em um âmbito ontológico parece independe disso. O enunciado construído pelo sujeito não será capaz de desvelar adequadamente o ser do ente. A proposição não será o lugar no qual verdade primeiramente se torna possível, mas o contrário. A proposição, para Heidegger, somente será possível dentro da verdade.

Lançando essas teses centrais, Heidegger chega ao que ele considera a

<sup>9</sup> A tradução que Heidegger faz dessa frase não coincide, entretanto, com outras traduções disponíveis. Em Cook, para citar um exemplo, vemos: "We call propositions those only that have truth or falsity in them".

concepção de verdade de Aristóteles. De acordo com ele, esta seria fundada nas noções, encontradas em *De Interpretatione*, de síntese (*σύνθεσις*) e separação (*διαίρεσις*)<sup>10</sup>. A síntese é a fundação da verdade e da falsidade. É ela a condição da possibilidade do desvelamento, da verdade, e a separação é a condição da possibilidade de cobrir-sobre (*covering-over*), ou seja, da falsidade. Segue-se diretamente dessa distinção que a verdade ou a falsidade da proposição somente é possível posteriormente a uma síntese ou uma divisão. Elas são as condições necessárias para a possibilidade da verdade ou falsidade no discurso. Conforme Heidegger, sintetizar e separar não são duas formas possíveis de enunciados, ao invés, eles pertencem a todo enunciado como tal e, portanto, andam juntas essencialmente e são, assim, matéria de um fenômeno que originalmente constitui a unidade de um enunciado. Há um vínculo indissociável com a afirmação e a negação. A estrutura de todo enunciado é que ele é sintético e separado. Em *Logic*, lê-se (2010, p. 118):

Portanto, esta estrutura é obtida em todo enunciado e é obtida antes para afirmação e negação (*negation*), atribuição e negação (*denial*). – e o faz absolutamente. Este é o caso não, como alguém pode alegar, pois atribuir-para é primariamente separação e apenas secundariamente síntese.

Resumidamente, o ponto é que síntese e separação tem que ser compreendidas como um fenômeno que acontece previamente a qualquer relação linguística de expressões e suas atribuições e negações. É um fenômeno que faz com que seja possível que o logos possa ser verdadeiro ou falso, revelado ou ocultado. O conceito aristotélico de verdade, por conseguinte, não é orientado, no sentido originário, para sem compreendido em termos de uma relação de correspondência entre imagens ou qualquer expressão linguística e o mundo externo. A correta caracterização da

concepção grega de verdade e, especialmente, a de Aristóteles, de acordo com Heidegger (a qual parece ser uma interpretação correta), deve ser entendida como uma relação entre os entes. Verdade não é uma relação entre duas coisas, uma mental e uma física, mas é uma relação de existência para o seu verdadeiro mundo. O conceito de verdade pode ser tomado como proposicional, mas apenas no sentido de ser derivado de uma noção ontológica anterior.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa interpretação de Heidegger, assim como a de Whitaker, anteriormente exposta é uma análise muito peculiar e parece ser muito mais adequada que uma simples interpretação proposicional de verdade. Aristóteles estava comprometido com uma ontologia e sua filosofia, nos mais variados aspectos, tinha relação com uma análise ontológica. Situação diferente não poderia ocorrer com respeito ao conceito de verdade. O ponto que cabe ressaltar uma vez mais, para finalizar, é que em *De Interpretatione*, Aristóteles apresenta algumas teses que se encaixam em uma visão contemporânea de uma verdade proposicional, mas a sua concepção primária é de uma verdade vinculada à coisa mesma, uma concepção material de verdade, portanto.

<sup>10</sup> Whitaker irá traduzir por combinação e divisão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. Metaphysics. In. **The Complete Works of Aristotle. The revised Oxford translation.** Jonathan Barnes (ed.), two volumes. Princeton: Princeton University Press, 1984.

\_\_\_\_\_. On Interpretation. translated by Harold P. Cooke. Cambridge: Harvard University Press, 1938.

HEIDEGGER, M. Logic: The Question of Truth. translated by Thomas Sheehan. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 2010.

\_\_\_\_\_. Introdução à Filosofia. Trad. Marco Antonio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

\_\_\_\_\_. Ser e Verdade. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 2007.

HEGEL, G.W.F. Hegel's Logic, translated by William Wallace. Oxford: Clarendon Press, 1975.

KIRKHAM, R. Teorias da Verdade: Uma Introdução Crítica. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003

KÜNNE, W. Conceptions of Truth. Oxford: Oxford University Press, 2003.

NEWMAN, A. The Correspondence Theory of Truth: An Essay on the Metaphysics of Prediction. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

STERN, R. Did Hegel Hold an Identity Theory of Truth? *Mind*, vol 102, 408, 1993, p. 645-647.

WHITAKER, C. W. A. Aristotle's De Interpretatione: Contradiction and Dialectic. Oxford: Clarendon Press, 1996.